

## **Sonetos e Outros Poemas, de Bocage**

### **Fonte:**

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du. *Soneto e outros poemas*. [São Paulo] : FTD, 1994. (Grandes Leituras).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Antonio Luiz Lopes – Guarulhos/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## **SONETOS E OUTROS POEMAS Bocage**

### I - SONETOS

Incultas produções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, ó leitores ;  
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade;  
Que elas buscam piedade, e não louvores;

Ponderai da Fortuna a variedade  
Nos meus suspiros, lágrimas e amores ;  
Notai dos males seus a imensidade,  
A curta duração dos seus favores ;

E se entre versos mil de sentimento  
Encontrardes alguns, cuja aparência  
Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência  
Escritos pela mão do Fingimento,  
Cantados pela voz da Dependência.

Chorosos versos meus desentoados,  
Sem arte, sem beleza, e sem brandura,  
Urdidos pela mão da Desventura,  
Pela baça Tristeza envenenados :

Vede a luz, não busqueis, desesperados,  
No mudo esquecimento a sepultura ;  
Se os ditosos vos lerem sem ternura,  
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados :

Não vos inspire, ó versos, cobardia

Da sátira mordaz o furor louco,  
Da maldizente voz a tirania :

Desculpa tendes, se valeis tão pouco ;  
Que não pode cantar com melodia  
Um peito, de gemer cansado e rouco .

De suspirar em vão já fatigado ,  
Dando trégua a meus males eu dormia ;  
Eis que junto de mim sonhei que via  
Da Morte o gesto lívido, e mirrado :

Curva fouce no punho descarnado  
Sustentava a cruel, e me dizia :  
"eu venho terminar tua agonia ;  
morre, não peneis mais, oh desgraçado ! "

quis ferir- me , e de Amor foi atalhada,  
que armado de cruentos passadores  
aparte, e lhe diz com voz irada :

"Emprega noutro objeto os teus rigores ;  
que esta vida infeliz está guardada  
para vítima só de meus furores. "

Já sobre o coche de ébano estrelado  
Deu meio giro a noite escura e feia ;  
Que profundo silêncio me rodeia  
Neste deserto bosque, à luz vedado !

Jaz entre as folhas Zéfiro abafado ,  
O Tejo adormeceu na lisa areia ;  
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,  
Nem pia o mocho, às trevas costumado :

Só eu velo, só eu, pedindo à sorte  
Que o fio, com que está minh'alma presa  
À vil matéria lânguida, me corte :

Consola-me este horror, esta tristeza ;  
Porque a meus olhos se afigura a morte  
No silêncio total da Natureza.

Mavorte, porque em pérfida cilada  
O cruel moço alígeto o ferira,  
Não faz caso da mãe, que chora e brada,  
Quer punir o traidor, que lhe fugira :

Na sinistra o pavês, na dextra a espada,  
Nos ígneos olhos fuzilante a ira,  
Pule à negra carroça ensangüentada,  
Que Belona infernal cõas Fúrias tira :

Assim parte, assim voa ; eis que vê posto  
No colo de Marília o deus alado,  
No colo aonde tem mimoso encosto:

Já Marte arroja as armas, e aplacado  
Diz, inclinando o formidável rosto :

"Valha-te, Amor, esse lugar sagrado !".

Marília, nos teus olhos buliçosos  
Os Amores gentis seu facho acendem ;  
A teus lábios voando os ares fendem  
Terníssimos desejos sequiosos:

Teus cabelos subtis e luminosos  
Mil vistas cegam, mil vontades prendem :  
E em arte de Minerva se não rendem  
Teus alvos curtos dedos melindrosos :

Resiste em teus costumes a candura,  
Mora a firmeza no teu peito amante,  
A razão com teus risos se mistura:

És dos céus o composto mais brilhante;  
Deram-se as mãos Virtude e Formosura  
Para criar tua alma e teu semblante.

Oh, tranças, de que Amor prisões me tece,  
Oh, mãos de neve, que regeis meu fado !  
Oh tesouro ! oh mistério ! oh par sagrado ,  
Onde o menino alígero adormece !

Oh ledos olhos, cuja luz parece  
Tênuo raio de sol ! oh gesto amado,  
De rosas e açucenas semeado,  
Por quem morrera esta alma, se pudesse !

Oh ! lábios, cujo riso a paz me tira,  
E por cujos dulcíssimos favores  
Talvez o próprio Júpiter suspira !

Oh perfeições ! oh dons encantadores !  
De quem sóis ?...Sois de Vênus ? - é mentira  
Sois de Marília, sois de meus amores.

Já se afastou de nós o Inverno agreste  
Envolto nos seus húmidos vapores ;  
A fértil Primavera , a mãe das flores  
O prado ameno de boninas veste :

Varrendo os ares o subtil nordeste  
Os torna azuis : as aves de mil cores  
Adejam entre Zéfiros, e Amores,  
E torna o fresco Tejo a cor celeste ;

Vem, ó Marília, vem lograr comigo  
Destes alegres campos a beleza,  
Destas copadas árvores o abrigo :

Deixa louvar da corte a vã grandeza:  
Quanto me agrada mais estar contigo  
Notando as perfeições da Natureza !

Grato silêncio, trêmulo arvoredado,  
Sombra propícia aos crimes, e aos amores,  
Hoje serei feliz ! - longe, temores,  
Longe, fantasmas, ilusões do medo.

Sabei, amigos Zéfiros, que cedo,  
Entre os braços de Nise, entre estas flores,  
Furtivas glórias, tácitos favores,  
Hei-de enfim possuir : porém segredo !

Nas asas frouxos ais, brandos queixumes  
Não leveis, não façais isto patente,  
Que nem quero que o saiba o pai dos numes :

Cale-se o caso a Jove omnipresente,  
Porque se ele o souber, terá ciúmes,  
Vibrará contra mim seu raio ardente.

Temo que a minha ausência e desventura  
Vão na tua alma, docemente acesa ,  
Apoucando os excessos da firmeza.  
Rebatendo os assaltos da ternura :

Temo que a tua singular candura  
Leve o tempo fugaz, nas asas presa  
Que é quase sempre o vício da beleza,  
Gênio imutável, condição perjura:

Temo ; e se o fado meu, fado inimigo  
Confirmar impiamente este receio ,  
Espectro perseguidor, que anda comigo,

Com rosto, alguma vez de mágoa cheio ,  
Recorda-te de mim, dize contigo :  
'era fiel, amava-me e deixei-o "

Enquanto o sábio arreiga o pensamento  
Nos fenonemos teus, oh Natureza  
Ou solta árduo problema, ou sobre a mesa  
Volve o subtil geométrico instrumento :

Enquanto, alçando a mais o entendimento,  
Estuda os vastos céus, e com certeza  
Reconhece dos astros a grandeza,  
A distância, o lugar, e o movimento :

Enquanto o sábio, enfim, mais sabiamente,  
Se remonta nas asas do sentido  
À corte do Senhor omnipresente:

Eu louco, cego, eu mísero, eu perdido  
De ti só trago cheia, ó Jônia, a mente :  
Do mais, e de mim mesmo ando esquecido ..

Por esta solidão, que não consente  
Nem do sol, nem da Lua a claridade,  
Ralado o peito já pela saudade  
Dou mil gemidos a Marília ausente :

De seus crimes a mancha inda recente  
Lava Amor, e triunfa da verdade,  
A beleza, apesar da falsidade,  
Me ocupa o coração, me ocupa a mente:

Lembram-me aqueles olhos tentadores,  
Aquelas mãos, aquele riso, aquela  
Boca suave, que respira amores...

Ah, trazei - me ilusões, a ingrata, a bela !  
Pintai-me vós, oh sonhos, entre flores  
Suspirando outra vez nos braços dela !

Marília, se em teus olhos atentara,  
Do estelífero sólio reluzente,  
Ao vil mundo outra vez o onnipotente,  
O fulminante Júpiter baixara,

Se o deus, que assanha as Fúrias, te avistara,  
As mãos de neve, o colo transparente,  
Suspirando por ti, do caos ardente,  
Sugeriu à luz do dia, e te roubara :

Se a ver-te de mais perto o Sol descera,  
No áureo carro veloz dando-te assento  
Até da esquiva Dafne se esquecera :

E se a força igualasse o pensamento,  
Oh alma da minh'alma, eu te ofrecera  
Com ela a Terra, o Mar, e o Firmamento .

O corvo grasnador e o mocho feio  
O sapo berrador e a rã molesta,  
São meus únicos sócios na floresta,  
Onde carpindo estou, de angústia cheio :

Perdi todo o prazer, todo o recreio,,  
Ah, malfadado amor, paixão funesta !  
Urselina perdi, nada me resta,  
Madre terra ! Agasalha-me em teu seio ;

Da víbora mordaz permite, oh Sorte,  
Que nos matos aspérrimos que piso  
As plantas me envenene o tênue corte !

Ah ! Que é das graças ? Que é do paraíso ?  
A minh'alma onde está ? quem logra... oh Morte,  
Quem logra de Urselina o doce riso ?

---

Ânsias terríveis, íntimos tormentos,  
Negras imagens, hórridas lembranças,  
Amargas, mortais desconfianças,  
Deixai-me sossegar alguns momentos:

Sofrei que logre os vãos contentamentos  
Que sonham minhas doidas esperanças ;  
A posse de alvo rosto, e loiras tranças,  
Onde presos estão meus pensamentos:

Deixai-me confiar na formosura,  
Cruéis ! Deixai-me crer num doce engano,  
Blasonar de fantástica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior dano  
Do que vagar nas trevas da loucura,  
Aborrecendo a luz do desengano ?

Olha , Marília, as flautas dos pastores,  
Que bom que soam, como estão cadentes !  
Olha o Tejo a sorrir-te ! Olha não sentes  
Os Zéfiros brincar por entre as flores ?

Vê como ali, beijando-se os Amores  
Incitam nossos ósculos ardentes !  
Ei-las de planta em planta as inocentes,  
As vagas borboletas de mil cores !

Naquele arbusto o rouxinol suspira,  
Ora nas folhas a abelhinha pára,  
Ora nos ares sussurando gira :

Que alegre campo ! que manhã tão clara !  
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,  
Mais tristeza que a morte me causara.

Fiei-me nos sorrisos de ventura  
Em mimos femininos ,como fui louco !  
Vi raiar o prazer, porém tão pouco  
Momentâneo relâmpago não dura:

No meio agora desta selva escura,  
Dentro deste penedo húmido e ouço,  
Pareço, até no tom lúgubre, e rouco  
Triste sombra a carpir na sepultura :

Que estância para mim tão própria é esta !  
Causais-me um doce, e fúnebre transporte,  
Áridos matos, lóbrega floresta !

Ah! Não me roubou tudo a negra sorte :  
Inda tenho este abrigo , inda me resta  
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

Há pouco a mãe das Graças, dos Amores,  
Gerada pela espuma cristalina,  
Baixou da etérea região divina  
Nas asas dos Favónios voadores :

"Oh das margens do Tejo habitadores !  
hoje torna a luzir ( disse Ericina )  
o ledão instante em que nasceu Marina,  
Íncrito fruto de íncritos maiores :

Do Céu, do Mar, da Terra, os soberanos  
Imprimindo-lhe encantos a milhares,  
Criaram nela a glória dos humanos:

Eia, cantai-lhe os dotes singulares,  
Louvai seus olhos, aplaudi seus anos,  
Queimai-lhe aromas, erigi-lhe altares "

Os suaves eflúvios, que respira  
A flor de Vênus, a melhor das flores,  
Exalas de teus lábios tentadores,  
Oh doce, oh bela, oh desejada Elmira ;

A que nasceu das ondas, se te vira,  
A seu pesar cantara os teus louvores;  
Ditoso quem por ti morre de amores !  
Ditoso quem por ti , meu bem, suspira !

E mil vezes ditoso o que merece  
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,  
Por quem da mãe formosa Amor se esquece !

O sacrílego ateu, sem lei, sem siso,  
Contemple-te uma vez, que então conhece  
Que é força haver um Deus, e um paraíso.

Meu frágil coração ,para que adoras  
Para que adoras, se não tens ventura ?  
Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,  
Folgando estão das lágrimas que choras ?

Os dias vês fugir, voar as horas  
Sem achar neles visos de ternura ;  
E inda a louca esp'rança te figura  
O prêmio dos martírios, que devoras !

Desfaz as trevas de um funesto engano,  
Que não hás de vencer a inimizade  
De um gênio contra ti sempre tirano :

A justa, a sacrossanta divindade  
Não força, não violenta o peito humano,  
E queres constringer-lhe a liberdade ?

Os garços olhos, em que o Amor brincava,  
Os rubros lábios, em que o Amor se ria,  
As longas tranças, de que o Amor pendia,  
As lindas faces, onde Amor brilhava :

As melindrosas mãos, que Amor beijava,  
Os níveos braços, onde Amor dormia,

Foram dados, Armândia, à terra fria,  
Pelo fatal poder que a tudo agrava;

Seguiu-te Amor ao tácito jazigo,  
Entre as irmãs cobertas de amargura;  
E eu que faço ( ai de mim ! ) como não sigo !

Que há no mundo que ver, se a formosura,  
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo  
Jazem no eterno horror da sepultura ?

Urselina gentil, benigna e pura,  
Eis nas asas subtis de um ai cansado  
A ti meu coração voa alagado  
Em torrentes de sangue, e de ternura ;

Põe-lhe os olhos, meu bem, vê com brandura  
Seu miserável, doloroso estado,  
Que nas garras da morte já cravado  
A fé, que te jurava, inda te jura :

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,  
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,  
Palpa de Amor a vítima inocente :

E por milagre deles, oh querida,  
Verás cerrar-se o golpe, e de repente  
Em ondas de prazer tornar-lhe a vida .

Em veneno letífero nadando  
No roto peito o coração me arqueja;  
E ante meus olhos hórrido negreja  
De morais aflições espesso bando ;

Por ti, Marília, ardendo, e delirando  
Entre as garras aspérrimas da Inveja,  
Amaldiçoo Amor, que ri, e adeja  
Pelos ares, cós Zéfiro brincando;

Recreia-se o traidor com meus clamores -  
E meu cioso pranto... oh Jove, oh nume  
Que vibras os coriscos vingadores !

Abafa as ondas do tartáreo lume,  
Que para os que provocam teus furores  
Tens inferno pior, tens o ciúme.

Oh retrato da morte, oh Noite amiga  
Por cuja escuridão suspiro há tanto !  
Calada testemunha de meu pranto,  
De meus desgostos secretária antiga !

Pois manda Amor, que a ti sòmente os diga,  
Dá-lhes pio agasalho no teu manto ;  
Ouve-os, como costumam, ouve, enquanto  
Dorme a cruel, que a delirar me obriga :

E vós, oh cortesãos da escuridade,



Fantasmas vagos, mochos piadores,  
Inimigos como eu, da claridade !

Em bandos acudi aos meus clamores;  
Quero a vossa medonha sociedade,  
Quero fartar meu coração de horrores.

Vinde, Prazeres, que por entre as flores,  
Nos jardins de Citera andais brincando,  
E vós, despidas, Graças, que dançando  
Triniais alegres sons encantadores :

Deusa dos gostos, deusa dos amores,  
Ah ! dos filhinhos teus ajunta o bando,  
E vem nas asas de Favónio brando  
Dar força, dar beleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira  
A cantar o natal ; tu, por clemência,  
O teu fiel cantor, deidade, inspira ;

Do trácio vate empresta-me a cadência,  
E faze que mereça a minha lira  
Os cândidos sorrisos da inocência .

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,  
Ao som da tempestade o nauta ousado,  
Um, porque espera o fim do cativo,  
Outro, antevendo o porto desejado ;

Exposta a vida ao tigre mosqueado  
Gira sertões o sôfrego mineiro,  
Da esperança dos lucros encantado,  
Que anima o peito vil, e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido  
Rompe o sequaz do horrífico Mavorte,  
Co triunfo, cõa glória no sentido:

Só eu ( tirano Amor ! tirana Sorte ! )  
Só eu por Nise ingrata aborrecido  
Para ter fim meu pranto espero a morte.

Triste quem ama, cego quem se fia  
Da feminina voz na vã promessa !  
Aspira a vê-la estável ! mais depressa  
O facho apagará, que espalha o dia :

Alada exalação, que na sombria  
Tácita noite os ares atravessa,  
Foi comigo a paixão volúvel dessa  
Que o peito me afagava, e me feria :

Do desengano o bálsamo lhe aplico,  
E a teus laços, Amor, sem medo exponho  
Dos benéficos céus o dom mais rico :

Vejo mil Circes plácido, risonho ;  
E se fé me prometerem, ouço e fico  
Como quem despertou de aéreo sonho .

Importuna Razão, não me persigas ;  
Cesse a ríspida voz que em vão murmura ;  
Se a lei do Amor , se a fôrça da ternura  
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas :

Se acusas os mortais, e os não abrigas,  
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,  
Deixa-me apreciar minha loucura,  
Importuna Razão, não me persigas,

É teu fim, seu projecto encher de pejo  
Esta alma, frágil vítima daquela  
Que, injusta e vária, noutros laços vejo :

Queres que fuga de Marília bela,  
Que a maldiga, a desdenhe ; e o meu desejo  
É carpir, delirar, morrer por ela.

Oh trevas, que enlutais a Natureza,  
Longos ciprestes desta selva anosa,  
Mochos de voz sinistra, e lamentosa,  
Que dissolveis dos fados a incerteza :

Manes, surgidos da morada acesa  
Onde de horror sem fim Plutão se goza,  
Não aterreis esta alma dolorosa,  
Que é mais triste que vós minha tristeza ;

Perdi o galardão da fé mais pura,  
Esperanças frustrei do amor mais terno,  
A posse de celeste formosura :

Volvei pois, sombras vãs, ao fogo eterno :  
E lamentando a minha desventura,  
Movereis a piedade o mesmo inferno.

Já o Inverno, espremendo as cãs nervosas,  
Geme, de horrendas nuvens carregado ;  
Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado  
Investe ao Pólo em serras escumosas ;

Oh benignas manhãs ! tardes saudosas,  
Em que folga o pastor, medrando o gado,  
Em que brincam no ervoso e fértil prado  
Ninfas e Amores, Zéfiros e Rosas !

Voltaí, retrocedei, formosos dias ;  
Ou antes vem, vem tu, doce beleza  
Que noutros campos mil prazeres crias ;

E ao ver-te sentirá minh'alma acesa  
Os perfumes, o encanto, as alegrias  
Da estação, que remoça a Natureza.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

